



O GRAFISMO INFANTIL COMO EXPRESSÃO DE VIVÊNCIAS SOCIAIS

Elaine Fraga Veit

Colégio Anchieta – Porto Alegre, Departamento de Artes e Informática

EMPV – Escola Municipal Presidente Vargas

elaine.veit@terra.com.br

RESUMO

O presente trabalho faz uma reflexão sobre as fases primordiais do grafismo infantil e o ato simbólico da representação de vivências sociais. Faz ainda uma análise comparativa de linguagens expressivas produzidas por crianças moradoras na periferia de Porto Alegre com algumas composições gráficas de crianças alemãs que vivenciaram a construção do Muro de Berlim, em 1961.

Palavras-chave: grafismo, infância, expressão.

RESUMEN

El presente trabajo hace una reflexión sobre las fases primordiales del grafismo infantil y el acto simbólico de la representación de vivencias sociales. Hace también un análisis comparativo de lenguajes expresivos producidos por niños que viven en la periferia de Porto Alegre con algunas composiciones gráficas de niños alemanes que vivenciaron la construcción del Muro de Berlín en 1961.

Palabras claves: grafismo, infancia, expresión

1 Introdução

Ao pegar pela primeira vez o lápis ou giz de cera, a criança experimenta o objeto como um brinquedo e a descoberta da relação entre o traço e este gesto é que vai, gradualmente, oferecer a sinestesia do ato. Ação e efeito fecham os circuitos neuronais de um cérebro em formação. São momentos mágicos, pelos quais todos passam, independentemente de culturas, mudando apenas, talvez, os meios e os espaços de tempo percorridos entre as etapas evolutivas.

Primeiro se fazem as garatujas, fecham-se círculos e agregam-se filamentos na representação da figura humana, casas, árvores, brinquedos, enfim todo o universo visual de quem está descobrindo o mundo e/ou seu ambiente.

A criança passa a usar essa atividade para comunicar o que vê e o que sente, percebe que o arranjo ou combinação de linhas representam objetos e aspectos do mundo, havendo, aí, uma associação do ato físico com a discriminação sensorial. Está emergindo, nesta capacidade de percepção e execução, o sistema simbólico essencial à criação. Muito depois disso é que se aprendem as primeiras letras.

A experiência do letramento ofusca a espontaneidade gráfica, pois, o que antes era uma atividade lúdica e personalizada, passa à reprodução de sinais criados por gerações anteriores que convencionaram a associação de sons a esses signos gráficos. É a inserção necessária do indivíduo no mundo da linguagem escrita e nas culturas ancestrais, mas que carrega o ônus de uma ruptura. A aquisição do conhecimento começa a uniformizar a expressão que antes era uma atividade lúdica e representativa de um universo interno muito rico.

Não se pode negar que a aquisição da escrita é uma habilidade complexa que envolve a integração de esquemas desenvolvidos, anteriormente, de forma isolada. A espontaneidade, muitas vezes, é comprometida quando a criança passa a ser mais estimulada a escrever, copiar e reproduzir do que a se expressar pelo desenho. Isso ainda é agravado pelas imagens ilustrativas, criadas por adultos, e apresentadas à criança, quando sua habilidade de percepção ainda é embrionária. Ela, então, compara a sua criação com tais ilustrações, inibindo o processo de desenvolvimento do grafismo ou, no mínimo, tolhendo um meio de expressão própria.

É importante que o adulto responsável (pai ou professor) pela criança, nesta fase, tenha a clareza de que o desenho infantil não é o desenho mal feito de um adulto, mas a expressão de um indivíduo em desenvolvimento. Além disso, que tenha a sensibilidade de entender que pode e deve estimular o uso adequado de materiais variados, como tesoura, papéis com espessuras, formatos e cores variadas, pois “habilidades são dominadas numa base dia-a-dia, e uma vez dominadas, elas permitem o desenvolvimento de novas habilidades, que no devido tempo servem, por assim dizer, como os módulos para o desenvolvimento de habilidades ainda mais elevadas.” (DENEMBERG, 1970 - in GARDNER, 1997: 82)

A criança devidamente estimulada “em seu perceber, sentir e fazer”, ao se familiarizar com códigos, experiências e estilos, ao ter “acesso aos tipos de mensagens freqüentemente transmitidas nos objetos estéticos, (...) pode apreciar fenomenalmente a maneira pela qual essas mensagens são transmitidas” (GARDNER, 1997: 179) e fará um acervo de elementos visuais para suas futuras composições gráficas, para a expressão da personalidade e das relações interpessoais.

O desenho da criança expressa o sensível de sua existência, constituindo o reflexo de seus sentimentos e de suas experiências na sociedade, mostrando o início de sua compreensão do mundo que a cerca. O desenvolvimento da consciência social pode facilmente ser detectado nas representações de cenas ou objetos com os quais a criança se identifica.

2 O símbolo e o simbólico na expressão gráfica infantil

Etimologicamente, símbolo provém do latim *symbolum*, adaptação, segundo Houaiss, do grego *súmbolom* e designa uma forma, um elemento representativo de alguma coisa, de um objeto, de um conceito ou de uma idéia e é muito importante no processo de comunicação de visualização desses conceitos e idéias.

A representação dos símbolos, na criança, surge como resultado de experiências importantes no mundo cultural e social em que está imersa, onde atua quando deixam, representa quando quer e é feliz quando pode. De qualquer forma, seu “desenvolvimento depende de uma maior familiaridade com experiências, códigos e estilos; de facilidades técnicas mais desenvolvidas; de uma apreciação mais fina do processo de comunicação interpessoal”. (GARDNER, 1997: 180)

Quando se torna capaz de expressar idéias por meio de símbolos identificáveis por indivíduos ou grupos, ela já está interpretando um importante papel de ator de sua própria história, repassando, assim, seu estado de emoções vividas, sofridas ou festejadas.

Há de se fazer “o reconhecimento da criança como sujeito social ativo e atuante, produtor mais que receptor de cultura” (COHN, 2005: 42)

Este texto faz uma análise da composição expressiva elaborada por crianças, cuja faixa etária varia entre oito e treze anos. São dois grupos de autores não contemporâneos e de nacionalidades diferentes, mas um fio condutor os aproxima: a vivência social alimentadora de violência, que os vitima.

As verdadeiras identidades dos autores pertencentes ao primeiro grupo ficarão em sigilo. Essas autorias receberão nomes fictícios para sua desejada proteção, pois são crianças que vivem em periferias de Porto Alegre, algumas, em situação de risco.



Figura1: “Como é o pai na cadeia”
Ruiz, 8 anos - 2006

Os desenhos foram elaborados em sala de aula, a partir de estímulos anteriores que se propunham a dar dinamismo e a provocar a imaginação criadora. Foram colocados à disposição, a cada encontro, livros infantis, busca em sites educativos, histórias contadas pela professora, ilustradas com fantoches, dobraduras e músicas, reprodução de pinturas de Tarsila do Amaral, cujo imaginário se identifica muito com a infância. Portanto, nenhum desses estímulos continha imagens ou palavras que lembrassem algum tipo de violência.

Pode parecer chocante para quem vê uma criança, com naturalidade, desenhar linhas sobre uma figura humana insipiente, representando seu pai numa cela e colocar o título, com evidente dificuldade de quem está tentando se alfabetizar, portanto, ainda, entrando no ambiente letrado (Figura 1).

É chocante, sim, para o adulto acostumado a ter informações de um mundo marginal, pelos noticiários midiáticos, mas que, naquele instante, um resultado da violência urbana está à sua frente. Por trás (ou no meio) de um mundo agressivo, cruel, está uma criança que se desenvolve nesse processo, para ela, natural.

A proposta de atividade, que resultou nessa forma de expressão, era de criar uma história, com seqüência de imagens criadas pelos alunos, estimulada por desenhos e histórias da autoria de Ziraldo. Nesse dia, a turma assistira, no site do artista, a história interativa do *Menino Maluquinho* o que motivou um diálogo reflexivo sobre relações com parentes e vizinhos. A seguir, lhes foi sugerida história em quadrinhos, expressando brincadeiras com amigos, no bairro ou na escola.



Figura 2: "O que mais gosto de desenhar"
Ângelo – 9 anos, 2007



Figura 3: "Armado sobre o skate"
Leonardo - 10 anos, 2007

Na produção do menino Ângelo (Figura 2), há simbolismos importantes a analisar. Dois animais estranhos (monstros, segundo o autor) fazem parte da cena de assalto ao carro forte. As manchas avermelhadas sobre o peito de dois personagens representam o sangue dos assaltantes feridos e a arma que está no carro forte aponta para os policiais, mas os projéteis desviam em direção a um dos assaltantes.

Como é de se esperar, nessa faixa etária, o uso da linha de base está presente e não há a

preocupação com a representação de profundidade, como se todos os elementos da composição estivessem num só plano. As cores também são aplicadas de forma aleatória, provavelmente eram os lápis que estavam à sua disposição no momento. As figuras são compostas de forma muito simples, combinando linhas e geometrismos, enquanto que o “motorista” recebeu a figuração somente com linhas.

A temática desse desenho partiu muito espontaneamente da imaginação desse aluno, pois fora pedido à turma apenas que desenhassem alguma coisa de que gostassem. Poderia ser algo do seu cotidiano ou de uma história ouvida, sem nenhum estímulo visual anterior. Esse desenho comporia a capa do portfólio organizador das atividades elaboradas nas aulas de Artes, ao longo do trimestre.

Se na produção anterior o autor focaliza a instantaneidade de uma cena de violência, o aluno Leonardo (Figura 3) simboliza o ato violento ainda latente na figura de um menino armado e equilibrado sobre um skate. Toda a figura foi vigorosamente colorida, menos a representação da pistola que está liberando um projétil que também não recebeu cor, assim como as rodas do skate.

Vale, ainda, observar que há uma pequena mancha na boca do personagem representando um cigarro de maconha, como ele mesmo se referiu verbalmente a um colega, enquanto desenhava.

Pode-se perceber, também, que há uma declaração de amor escrita sobre o skate e outra na calça do personagem, sendo que essa última foi, em parte, coberta pela passagem vigorosa do lápis vermelho. As relações interpessoais estão explicitadas pela postura do personagem e pelos elementos que o compõem.

A figura, assim como a anterior, é composta por elementos geométricos sem volume e sem profundidade, o que é mais significativo pela representação das quatro rodas no mesmo plano. O naturalismo pode ser notado pelo surgimento dos cinco dedos nas mãos.

Na mesma faixa etária, é possível encontrarem-se graus de desenvolvimento diferentes no grafismo infanto-juvenil. Enquanto algumas conseguem fazer um desenho com riqueza de detalhes e inúmeros elementos, outras somente se expressam com economia de linhas, como pode ser observado na Figura 4.



Figura 4: “O Assalto”
Cândido - 9 anos, 2007

Essa economia de traçado não empobreceu o significado da composição que representa uma cena de assalto, na qual o assaltante é a figura maior e ocupa o espaço central. Está com o rosto coberto e tem uma arma em cada mão. Duas pessoas acuadas se escondem atrás dos balcões do banco e têm as mesmas dimensões que as cédulas colocadas sobre os balcões.

A escola ainda não encontrou um instrumento que torne possíveis as atitudes morais diante de fenômenos sociais, pois as vivências fora dela alimentam muito mais o imaginário infantil do que os estímulos e atividades pedagógicas, já que a criança permanece na escola apenas quatro horas por dia, cinco dias por semana. O tempo vivido fora do espaço físico da escola atua com mais força na infância da periferia carente, pois a sala de aula é, para ela, o único espaço letrado e de transmissão de valores coletivos. Espaço esse que deve ser dividido e no qual aprende a se ver como um ser social, “uma vez que o próprio desenvolvimento orgânico depende das interações sociais”. (VASCONCELLOS, 1996: 57)

As crianças percebem o que está à sua volta, e, independentemente de língua ou cultura, são capazes de expressar graficamente o que sentem e o que vêem da forma que suas habilidades a permitirem. A caracterização de experiências é representada nos desenhos de crianças ambientadas na periferia de uma capital brasileira, assim como nos desenhos de crianças alemãs. A linguagem e os significantes são os mesmos, podendo mudar apenas alguns simbolismos, quanto ao tipo de violência vivenciada, como esse texto pretende enfatizar. De um lado, aparece a violência urbana, marginalizante, enquanto de outro, a imposição de ideologia que gera separações e mortes, vividas pelo povo alemão, durante 28 anos.

As três imagens analisadas, a seguir, pertencem a uma coleção de quarenta trabalhos realizados por jovens participantes de uma competição que se chamou “Germany Indivisible”¹, em 1962, um ano depois da construção do muro de Berlim.



Figura 5: “Mesa dividida”
Elisabeth - 12 anos, 1962

O simbólico é muito eloqüente na Figura 5, na qual uma família se desfaz e justamente

¹ As imagens foram digitalizadas a partir do livro “*Our youth sees germany*”, devidamente referenciado no final.

sobre a criança é que se dá a divisão, mostrando o lado mais dolorido da separação e também a incerteza em que foi atirada a juventude. Além disso, as cores contrastantes na luminosidade e divididas pelo arame farpado representam a dramaticidade maior da cena.



Figura 6: "Reunificação"
Karl – 12 anos, 1962



Figura 7: "Galinha e pintinhos"
Michael – 13 anos, 1962

Na figura 6, o autor representa a esperança, como se pode sentir no título que escolheu para o seu trabalho, *Reunificação*, mas talvez essa esperança se resuma nos jovens, já que, aos os adultos resta olhar resignadamente para além da cerca, para o mundo colorido que está do outro lado. As crianças, por sua vez, seguem uma bandeira, em direção aos instrumentos de trabalho, no lado escuro, enquanto que as do lado colorido plantam uma árvore.

A linguagem metafórica e poética comparece na xilogravura (Figura 7) elaborada por Michael, em que elementos muito simples compõem o todo. O resultado visual comovente é traduzido pela imagem de uma galinha separada dos pintinhos por oito fios de arame farpado. A figura da galinha ocupa a maior parte da composição e está centralizada entre as duas hastes que firmam a cerca, enquanto que os pintinhos ocupam um terço do espaço total. Além disso, todos os personagens estão de cabeça baixa.

As sete imagens, aqui reproduzidas, fazem um recorte temático na capacidade de expressão e de representação emotiva de crianças separadas geográfica e cronologicamente. Para melhor entender essa representação, é preciso "apenas abrir as portas do espírito e olhar para os fenômenos. O primeiro olhar que devemos dirigir a eles é o olhar contemplativo. Contemplar significa tornar-se disponível para o que está diante dos nossos sentidos". (SANTAELLA 2005: 29)

3 Considerações Finais

Ao refletir sobre a produção de um público infantil, é interessante que se remonte às origens da palavra infância. Segundo o dicionário etimológico, "um indivíduo de pouca idade é denominado *infans*. Esse termo está formado por um prefixo privativo *in* e *fari*, 'falar', daí o sentido de 'que não fala', 'incapaz de falar'. (...) São encontrados usos de *infans* referindo-se a pessoas que se

aproximam inclusive dos treze ou quinze anos. Então, (...) *infans* não remete especificamente à criança pequena que não adquiriu ainda a capacidade de falar”. (CASTELLO, 2006 in LINS, 2007: 328)

A fala, a que esse trabalho se volta, é a da expressão por imagens criadas justamente por crianças que usaram as memórias de suas vivências na ordem social em que mundo adulto as colocou.

De um lado, a infância pobre, carente de tudo, jogada em conflitos familiares e que, confusa, balança sobre o tênue fio que limita o bem e o mal, onde a infração e o imoral lhe parecem banais. De outro, a infância filha da classe média que se viu encurralada e tolhida em seus direitos de ir e vir, de crescer ao lado de suas famílias e amigos.

A desestrutura social das duas infâncias focadas, entretanto, foram geradas essencialmente do mesmo jeito. É fruto de uma complexa rede de intolerâncias que não cabe, aqui, ser discutida, pois nosso objetivo é o de refletir sobre o sentido da expressão criadora dessas crianças.

No grupo das crianças gaúchas, não houve uma intenção de criar um desenho com tema específico sobre a violência e, sim, a de representar alguma coisa do seu cotidiano, sem a preocupação com possíveis sanções da sociedade. Entretanto, as crianças alemãs tiveram o firme propósito de expressar o sofrimento de toda a comunidade com a qual viviam, vítima de uma separação imposta pelo regime dominante.

Esse olhar sobre o objeto estético produzido por dois grupos de crianças, que nunca privaram do mesmo ambiente, mas que souberam representar seus valores como seres sociais, pode avaliar a presença viva do que foi por eles designado como expressão verdadeira e plena de significados. Pode, ainda, testemunhar a negação do significado etimológico da palavra infância, eis que os dois grupos foram muito eloqüentes, afinados e ainda se deram ao luxo de fazer algumas rimas gráficas.

Referências

- [1] CASTELLO, M. **Oculto nas palavras**. Dicionário etimológico de termos usuais na práxis docente. Belo Horizonte: Autêntica, 2006 (no prelo)
- [2] COHN, Clarice. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005
- [3] GARDNER, Howard. **As artes e o Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997
- [4] LANGEN, Albert. **Our Youth Sees Germany**. Munich: Georg Muller Publishers, 1962
- [5] LINS, Daniel (org.). **Nietzsche/Deleuze: Imagem, Literatura e Educação**. Fortaleza: Forense Universitária, 2007
- [6] LOWENFELD, Victor – BRITAIN, W. Lambert. **Desenvolvimento da Capacidade Criadora**. São Paulo: Ed. Mestre Jou, 1977
- [7] SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005
- [8] VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Construção do Conhecimento**. São Paulo: Libertad, 1996